



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 17, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 17 - EDUCAÇÃO E PESQUISA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS.

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.17.13>

Recebido em: **31/08/2020**

Aprovado em: **07/09/2020**

ESPAÇOS LIVRES URBANOS E O ENSINO DE ARQUITETURA E URBANISMO;
URBAN FREE SPACES AND THE TEACHING OF ARCHITECTURE AND URBANISM;
ESPACIOS LIBRES URBANOS Y ENSEÑANZA DE ARQUITECTURA Y URBANISMO

WESLAINY LEMOS SANTOS

<https://orcid.org/0000-0003-0882-5165>

GICÉLIA MENDES DA SILVA

RESUMO

O presente texto pretende discorrer sobre as visitas técnicas em espaços livres urbanos como aporte para o ensino na graduação de Arquitetura e Urbanismo. As visitas técnicas, como são chamadas as aulas externas, apresentam-se como etapas fundamentais para a formação do futuro profissional arquiteto sobre seu papel na sociedade. Nesse contexto apresentamos um relato das visitas técnicas realizadas na disciplina de Projeto Paisagístico, utilizando espaços livres urbanos como espaço não formal de ensino, com o objetivo de expor esta prática como significativa para o ensino de Arquitetura e Urbanismo. Acredita-se que as visitas influenciaram de maneira positiva no olhar do estudante sobre o espaço urbano, auxiliando não apenas no processo de criação no projeto paisagístico, mas no conhecimento sobre o espaço que vivencia e o valor ambiental deste.

Palavras-chave: Visita Técnica. Espaço Livre Urbano. Espaço Não Formal de Ensino

ABSTRACT

This text intends to discuss the technical visits in Urban Free Spaces as a contribution to the teaching of Architecture and Urbanism. Technical visits, as external classes are called, are fundamental steps for the formation of the future professional architect on his role in society. In this context, we present an account of the technical visits made in the Landscape Design discipline, using free urban spaces as a non-formal teaching space, in order to expose this practice as significant for the teaching of Architecture and Urbanism. It is believed that the visits positively influenced the student's view of the urban space, helping not only in the creation process in the landscape project, but in the knowledge about the space he experiences and its environmental value.

Keywords: Technical visit. Urban Free Space. Non-formal teaching space

RESUMEN

Este texto pretende discutir las visitas técnicas en Espacios Libres Urbanos como aporte a la enseñanza de la Arquitectura y el Urbanismo. Las visitas técnicas, como se denominan las clases externas, son pasos fundamentales para la formación del futuro arquitecto profesional sobre su papel en la sociedad. En este contexto, presentamos un relato de las visitas técnicas realizadas en la disciplina del Diseño del Paisaje, utilizando los espacios urbanos libres como espacio didáctico no formal, con el fin de exponer esta práctica como significativa para la enseñanza de la Arquitectura y el Urbanismo. Se cree que las visitas influyeron positivamente en la visión del estudiante del espacio urbano, ayudando no solo en el proceso de creación en el proyecto de paisaje, sino en el conocimiento sobre el espacio que vive y su valor ambiental.

Palabras-clave: Visita técnica. Espacio Libre Urbano. Espacio de educación no formal.

INTRODUÇÃO

As escolas de Arquitetura e Urbanismo atualmente oferecem muitas possibilidades de aprendizado, metodologias e processos que auxiliam o desenvolvimento técnico do estudante sobre a área de ensino. As novas tecnologias possibilitam conexões jamais vistas entre o professor, o estudante e o conteúdo, facilitando em muitos casos o processo de aprendizagem e ensino. Surgem então os espaços além da sala de aula, como espaços não formais de ensino, que possibilitam a geração do conhecimento. Mesmo ainda sendo a sala de aula considerada o principal espaço formal de ensino, o encontro de teorias, informações e discussões, que possibilitam gerar conhecimento, pode acontecer em qualquer lugar. Conhecimento este que é passado por gerações, ora intacto, ou aperfeiçoado, ora substituído por novos conhecimentos. Por isso é importante conhecer horizontes, fora das quatro paredes da sala de aula, que possibilitem novas perspectivas no ensino da Arquitetura e Urbanismo.

Muito se discute sobre o ensino da Arquitetura e Urbanismo, quais as melhores práticas pedagógicas para que o estudante saia da universidade capaz de desenvolver sua atividade profissional plena. Como uma profissão multidisciplinar, onde teoria e prática se encontram de forma constante, o ensino da arquitetura perpassa por necessidades pedagógicas específicas para alcançar o objetivo principal que é formar profissionais capazes não apenas tecnicamente de lidar com o ambiente construído, mas capazes de compreender o espaço que os cercam e promovendo a harmonia que deve existir entre o ambiente e o usuário.

É nesse contexto atual que os espaços não formais de ensino aparecem de maneira mais constante, apresentando-se como possíveis espaços de aprendizagem. O espaço não formal, possibilita gerar conhecimento de forma complementar ao espaço formal, possibilitar uma forma diferente de conhecer. Conhecer o conteúdo, conhecer a prática, de conhecer a nós mesmos, enquanto estudante, professor, cidadão.

O espaço urbano, por ser um lugar de transformações constantes, motivadas por diversos interesses, sejam econômicos, sociais, culturais ou políticos, apresenta diversos espaços que possibilitam o ensino, além da escola enquanto espaço físico formal. O espaço livre urbano é um desses locais que viabiliza não apenas o conhecimento técnico arquitetônico sobre o projeto paisagístico, mas promove o uso da cidade para refletir sobre as questões ambientais, culturais e sociais que envolvem as dinâmicas da Arquitetura e Urbanismo, direcionando também para a reflexão sobre a qualidade de vida e bem estar no espaço urbano.

O propósito dessa análise é colher impressões sobre como a prática da visita técnica em espaços livres urbanos pode ser um exercício significativo para o ensino da Arquitetura e Urbanismo, aproximando o estudante da realidade projetada e das demandas da sociedade em que irá atuar, aproximando-o da prática projetual. Possibilitando, assim, a formação de profissionais ativos nas demandas sociais e ambientais.

Para tanto, o texto está dividido em duas partes: a primeira conceitual e a segunda o relato sobre as visitas técnicas. Na primeira parte abordamos as questões teóricas sobre os espaços livres urbanos e os espaços não formais de ensino, buscando relacionar estes dois conceitos a fim de melhor compreender as visitas técnicas no espaço urbano enquanto atividade que produza conhecimento relevante para o ensino de Arquitetura e Urbanismo. Para tanto buscamos leituras relacionadas aos conhecimentos da arquitetura, ao ensino da arquitetura e urbanismo, e utilizamos as Diretrizes Curriculares Nacionais, e textos que discorrem sobre o espaço não formal de ensino.

Na segunda parte é feito um relato sobre as Visitas Técnicas realizadas na disciplina Projeto Paisagístico, enquanto docente do curso de Arquitetura e Urbanismo em uma universidade privada. São relatados dois tipos de visita: a Visita Coletiva e a Visita Individual dirigida. Dentro destes são apresentadas: duas Visitas Coletivas, a “Visita ao Horto” e a “Visita às Cidades”; e uma Visita

Individual, “A Praça do Meu Bairro”.

Por fim, as considerações finais exprimem nossos apontamentos sobre esta relação tão constata nas atividades práticas do ensino da arquitetura e urbanismo, considerando a visita técnica nos espaços livres urbanos como significativa para formação do arquiteto.

OS ESPAÇOS LIVRES URBANOS COMO ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE ENSINO

Dentro do tecido urbano, entre os recortes do construído, aparecem o que chamamos de espaços livres. Os espaços livres urbanos, são espaços dentro do tecido urbano que não possuem edificações, como ruas, jardins, canteiros, áreas verdes, praças e parques, sendo estes públicos ou privados. Dentre estes jardins, áreas verdes, praças e parques são objetos direto do Projeto Paisagístico.

Os jardins são espaços livres permeáveis que possuem vegetação de diversos portes, normalmente planejados para compor o espaço através da combinação entre vegetais e outros elementos naturais, podem ser utilizados para cultivo, ou apenas para exibir e apreciar espécies vegetais.

São consideradas áreas verdes de domínio público, "o espaço de domínio público que desempenhe função ecológica, paisagística e recreativa, propiciando a melhoria da qualidade estética, funcional e ambiental da cidade, sendo dotado de vegetação e espaços livres de impermeabilização" (CONAMA Nº 369, 2006, Art. 8º, § 1º). Mas existem áreas verdes de domínio particular, muitas delas são inclusive áreas de proteção ambiental.

Comum em quase todas as cidades do planeta, a praça é um espaço livre urbano público que tem como principal função o lazer, podendo possuir ou não áreas verdes. Atualmente são complexos de lazer com diversas funções inseridas através de equipamentos urbanos. “Praças são espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessível aos cidadãos e livres de veículos” (ROBBA E MACEDO, 2003, p. 17).

Os parques urbanos são menos comuns nas cidades de pequeno porte, maior que praças, com função ambiental, ecológica, estética e de lazer. Sua função educativa é reconhecida por diversos estudiosos da área, visto que as visitas técnicas são práticas recorrentes nestes espaços, principalmente relacionadas à educação ambiental. Como define Bartalini:

Um grande espaço aberto público, que ocupa uma área de pelo menos um quarteirão urbano, normalmente vários, localizado em torno de acidentes naturais, por exemplo, ravinas, córregos etc., fazendo divisa com diversos bairros; os limites principais de um parque urbano são ruas. Sua organização espacial (paisagem) apresenta um equilíbrio entre áreas pavimentadas e ambiências naturais. (BARTALINI, 1996, p.81).

Os Espaço Livre Urbano são caracterizados por diversas possibilidades de ensino, não apenas para a Arquitetura e Urbanismo, mas para outras esferas do ensino formal, desde o ensino fundamental à pós-graduação.

Para viabilizar esses espaços como lugar de ensino a visita técnica surge como ferramenta, que alia conteúdo teórico e Espaço Não Formal para aprendizagem. A visita técnica é uma proposta metodológica que utiliza a realidade vivenciada pelo estudante como ferramenta para construção do conhecimento, como nos confirma Marcos:

Enquanto recurso didático, o trabalho de campo é o momento em que podemos visualizar tudo o que foi discutido em sala de aula, em que teoria se torna realidade, se ‘materializa’ diante dos olhos estarecidos dos estudantes,

daí a importância de planejá-lo o máximo possível, de modo a que ele não se transforme numa ‘excursão recreativa’ sobre o território, e possa ser um momento a mais no processo ensino/aprendizagem/produção do conhecimento. (MARCOS, 2006, p.6 apud MARTINEZ E LEME, 2008, p.3)

As visitas técnicas, também conhecidas como trabalho de campo, são consideradas aqui uma metodologia significativa no ensino superior, por contribuir de forma expressiva na aprendizagem. Possibilita ao estudante um olhar crítico para a realidade na qual está inserido, conhecendo o entorno e as condições socioambientais do local de estudo, compreendendo o espaço e a paisagem que o cerca, buscando entender melhor todas as forças que envolvem o desenvolvimento do espaço urbano.

Conhecer esses espaços livres urbanos através das visitas técnicas, possibilita ao estudante reconhecer de forma direta as forças produtivas do espaço urbano. As questões sociais, ambientais, econômicas e culturais que moldam o lugar, e assim utilizar este conhecimento para produzir espaços melhores. Através do desenvolvimento de Projetos Paisagísticos que atentem as características particulares do lugar, reconhecendo-se enquanto participante da dinâmica que envolve a produção do espaço urbano, visto que reconhece o seu papel enquanto cidadão e futuro profissional.

Utilizaremos neste texto a definição de Seiffert-Santos e Fachín-Terán para espaço não formal, “como sendo o local externo e não pertencente ao estabelecimento de ensino em que o aluno estar cursando.” (SEIFFERT-SANTOS; FACHÍN-TERÁN, 2013 apud SEIFFERT-SANTOS 2014, p. 3). O Espaço Não Formal proporciona o ensino e a aprendizagem de conteúdos formais, programáticos, em espaços fora da sala de aula, fora instituição de ensino, nas diversas esferas da educação formal.

Assim, ocorre uma busca por propostas/modelos adequados para as preocupações pedagógicas do ponto de vista escolar sobre como propor e tratar estratégia de uso espaços não formais em locais comuns.

Seiffert-Santos e Fachín-Terán propõe uma metodologia de ensino em espaços não formais, pois para estes a utilização de espaços não formais colabora para integrar uma visão holística de conteúdo, além de abrir possibilidades de investigação dos temas. A metodologia apresentada não é uma estrutura fechada, o que permite adaptações. Auxiliando na construção de propostas para atividades nos espaços não formais. Esta metodologia está dividida em três partes: Pré-visita, Visita e Pós-visita. SEIFFERT-SANTOS E FACHÍN-TERÁN (2013 apud SEIFFERT-SANTOS 2014, p. 4).

A Pré-visita consiste no planejamento da visita técnica. É necessário fazer um plano definindo a área de conhecimento a ser tratada na visita, disciplinar ou interdisciplinar. A temática e os conteúdos específicos também devem ser definidos previamente, para que não fique muito abrangente ou sem foco. Outro item a ser definido é o público alvo, para escolher definir situações específicas, como horários, autorizações etc. E o lugar, o espaço onde a visita irá acontecer, a seleção de espaços que possivelmente se assemelhem ou se relacionem com o conteúdo. É necessário conhecimento prévio do espaço, compreender o espaço para observar as potencialidades da visita e evitar questões adversas.

A Visita é a execução da atividade planejada, que depende da estratégia escolhida. Normalmente, a aula se inicia na sala com apresentação de questões teóricas relacionadas e a visita é a prática. A prática, deve focar no aluno para que possa interagir de forma ativa, não contemplativa, de modo que ele possa associar informações ou problematizar os objetos observados no ambiente não formal.

O Pós Visita é a reflexão da experiência, que proporciona a construção do conhecimento. Pode ser abordada através de análise e discussão em grupo. Esta análise pode ser iniciada ainda no espaço não formal, no final da visita, ou em sala de aula no dia posterior. É importante realizar uma crítica e autocritica da aula, avaliando se houve rendimento e alcance dos objetivos propostos. E, por fim, na produção de conhecimento, o estudante deve realizar uma atividade de elaboração do que aprendeu.

Com um objetivo bem definido, a visita técnica torna-se ferramenta que auxilia o entendimento prático do conteúdo teórico. Com o planejamento prévio, acreditamos que a visita técnica facilita não só a fixação dos conteúdos, mas verdadeiramente a aprendizagem, trazendo consigo muitas vezes a experiência prática, sobre conteúdos extensos.

As observações de Seifert-Santos nos auxiliam na utilização dos espaços livres urbanos para o ensino de Arquitetura e Urbanismo. Como visto, é de extrema importância o planejamento para que a visita técnica não seja apenas um passeio para os estudantes. É necessário que o docente programe cada passo para que a visita em campo seja produtiva e proporcione conhecimento.

Deste modo, acreditamos que a visita técnica, apesar de seu caráter informal, oferece condições para que o estudante alcance um estágio de conhecimento elevado sobre um conteúdo específico. O estudante, enquanto observador, passa por uma experiência que a sala de aula formal não consegue alcançar, que é visualizar e sentir, pessoalmente, o espaço construído, verificar ele sendo utilizado, entender como está sendo mantido, compreender as conexões que só podem ser observadas no lugar. É nessa atmosfera que esperamos que os pilares do conhecimento, diretrizes da UNESCO, se consolidem no ensino de Arquitetura e Urbanismo.

Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: **aprender a conhecer**, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; **aprender a fazer**, para poder agir sobre o meio envolvente; **aprender a viver juntos**, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente **aprender a ser**, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta. (UNESCO, 1996, p. 89, grifo nosso)

Desta forma, durante a visita técnica o estudante é instigado a aprender a conhecer, conhecer o espaço com suas minúcias, aprender a conhecer o usuário com suas necessidades. Ali, ele também aprende a fazer, aprende como um espaço pode ser desenhado, como um banco pode ser detalhado, aprende a viver junto, visto que, ao procurar entender a comunidade, ele se preocupa com suas necessidades, não apenas com seu projeto paisagístico estético, mas com o projeto do Espaço Livre Urbano compatível com as necessidades urbanas. E, principalmente, aprende a ser, aprende a ser arquiteto e cidadão, a entender seu papel social e o quanto ele, enquanto construtor do espaço urbano, pode fazer a diferença no mundo. Compreendendo a riqueza de suas ações, e o seu compromisso enquanto ser humano socialmente integrando. Como nos relata a UNESCO sobre o Aprender a ser:

“O desenvolvimento tem por objeto a realização completa do homem, em toda a sua riqueza e na complexidade das suas expressões e dos seus compromissos: indivíduo, membro de uma família e de uma coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos” UNESCO (1996, p. 101)

Assim, as visitas técnicas podem possibilitar ao estudante compreender como os espaços livres urbanos estão organizados, projetados, mantidos e utilizados, possibilita também dar condições para que o estudante estabeleça uma análise realista sobre os mesmos. De tal modo, que o conhecimento seja gerado pela vivência, ampliando assim as possibilidades projetuais. Buscando evitar a geração do conhecimento apenas pela constatação de teorias debatidas em salas de aulas formais.

Acreditamos que as visitas técnicas em espaços livres urbanos, é uma metodologia ativa, à medida

que permite ao próprio estudante analisar, diretamente com seu olhar crítico, o espaço já consolidado. Fornecendo, assim, elementos que enriquecem o processo de aprendizagem e ensino, visto que o professor também se enriquece com essas visitas. Indo além da sala de aula, a prática da visita leva à “sala” o mundo que está fora dela e leva ao mundo os estudantes que, muitas vezes, estão restritos às suas realidades, proporcionando assim acesso a fatos, espaços e possibilidades às vezes, distantes do cotidiano do estudante.

O projeto do espaço livre em si (ruas, largos, jardins, praças, entre outros) nunca deverá estar dissociado do contexto urbano nos quais se insere, e mesmo que seja ativado sobre um fragmento urbano, como um jardim ou pequeno largo, exige o mesmo cuidado que um grande parque ou loteamento. (MACEDO, 1999, p. 15)?

Não é o espaço físico em si que proporciona a aprendizagem. É a metodologia utilizada na visita que possibilita uma relação direta entre o estudante e o Espaço Livre Urbano. É a ampliação da visualização espacial que faz com que o estudante note pontos antes não percebidos em uma visita comum ao mesmo espaço. Essa ampliação dos conhecimentos técnicos só é possível com uma visita bem planejada, para que as características dos espaços possam ser bem exploradas. Aguçando a curiosidade dos estudantes a não só olhar o espaço visitado, mas passar a olhar de maneira diferente, técnica, todos os espaços que fazem parte do seu cotidiano. Deste modo, a utilização de ambientes não formais de ensino, como áreas verdes, jardins, praças e parques, apresenta-se como uma prática pedagógica capaz de proporcionar desenvolvimento do conhecimento técnico arquitetônico e urbanístico, através da interação com o meio.

Para formar o arquiteto e urbanista que possua uma visão ampliada de suas funções técnicas, ambientais e sociais, a visita técnica é um instrumento de ampliação de conteúdo, proporcionando reconhecer aspectos culturais, sociais e ambientais urbanos, muitas vezes discutidos em sala, apresentados em exemplos com imagens, projetos e textos, mas que são realmente cristalizados quando vivenciados.

Como propõe o Art. 3º, da Resolução que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo:

O projeto pedagógico do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, além da clara concepção do curso, com suas peculiaridades, seu currículo pleno e sua operacionalização, deverá incluir, sem prejuízos de outros, os seguintes aspectos: I - objetivos gerais do curso, contextualizado às suas inserções institucional, política, geográfica e social; II - condições objetivas de oferta e a vocação do curso; III - formas de realização da interdisciplinaridade; IV - modos de integração entre teoria e prática; V - formas de avaliação do ensino e da aprendizagem; VI - modos da integração entre graduação e pós-graduação, quando houver; VII - incentivo à pesquisa, como necessário prolongamento da atividade de ensino e como instrumento para a iniciação científica; VIII - regulamentação das atividades relacionadas com o Trabalho de Curso, em diferentes modalidades, atendendo às normas da instituição; IX - concepção e composição das atividades de estágio curricular supervisionado em diferentes formas e condições de realização, observados seus respectivos regulamentos; e X - concepção e composição das atividades complementares. (BRASIL, 2010, p.1)

Consideramos a visita técnica como uma das formas de atender aos dispostos da Resolução, à medida que proporciona diversas interações relacionadas ao projeto pedagógico que o curso deve ter, principalmente referente aos modos de interação entre teoria e prática, relacionadas ao ensino de Arquitetura e Urbanismo.

O Parágrafo 1º, do mesmo artigo, complementa:

A proposta pedagógica para os cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo deverá assegurar a formação de profissionais generalistas, capazes de compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidade, com relação à concepção, à organização e à construção do espaço interior e exterior, abrangendo o urbanismo, a edificação, o paisagismo, bem como a conservação e a valorização do patrimônio construído, a proteção do equilíbrio do ambiente natural e a utilização racional dos recursos disponíveis. (BRASIL, 2010, p.1)

Se é necessário assegurar que na formação destes profissionais eles sejam capazes de compreender e traduzir tais necessidades, os espaços livres urbanos se apresentam como espaços complementares as aulas em sala formal, ampliando a visualização do conteúdo teórico, agregando repertório técnico através da prática de analisar o espaço produzido. É neste cerne que a visita técnica é essencial para a formação do arquiteto urbanista.

Em seu Art. 6º, que trata dos Conteúdos Curriculares, a Resolução apresenta, no Parágrafo 5º, os núcleos de conteúdos que poderão ser dispostos, em termos de carga horária e de planos de estudo, em atividades práticas e teóricas, individuais ou em equipe, entre eles destacamos: III - **viagens de estudos** para o conhecimento de obras arquitetônicas, de conjuntos históricos, de cidades e regiões que ofereçam soluções de interesse e de unidades de conservação do patrimônio natural; IV - **visitas** a canteiros de obras, **levantamento de campo** em edificações e bairros, consultas a arquivos e a instituições, contatos com autoridades de gestão urbana. (BRASIL, 2010, p.3, grifo nosso)

Mas, os espaços livres urbanos não se configuram como espaço não formal de ensino apenas para o curso de Arquitetura e Urbanismo. Por sua dinâmica socioambiental, estes espaços, possuem infinitas características que permitem a educação em diversas esferas do conhecimento. Cabe a cada um ter o olhar perspicaz para entender suas possibilidades. Qualquer pessoa pode ver e viver a cidade, viver o espaço urbano e os desdobramentos sociais e ambientais que este nos proporciona, enquanto indivíduos e cidadãos. Como nos traz Brandão, “Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar.” BRANDÃO (2007, p. 7)

Além disso, a educação não-formal socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças da comunidade. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais (BARROS; SANTOS, 2010, p. 06).

Podemos perceber que em qualquer lugar que você esteja você está aprendendo, em qualquer lugar há possibilidade de aprendizado. Basta estarmos abertos às possibilidades que o ambiente nos oferece e, assim, nos abirmos à oportunidade de aprendizado em qualquer lugar.

AS EXPERIÊNCIAS COLETIVAS E INDIVIDUAIS NA DISCIPLINA DE PROJETO PAISAGÍSTICO

Projeto Paisagístico é uma disciplina que desenvolve as habilidades técnicas para projetos de áreas livres, sejam urbanas, residências, comerciais, públicas ou privadas. A proposta da disciplina, de modo geral, visa preparar os discentes para o desenvolvimento de projetos paisagísticos. Apresentando o estudo das formas de organizar, projetar e produzir o espaço livre de edificação no espaço urbano, a morfologia e escala da paisagem. Utilizando como base fundamentos históricos, conceituais e metodológicos sobre paisagismo, a disciplina busca proporcionar, também, o entendimento do projeto integrado entre desenho urbano, arquitetura e paisagismo. Agregando

conhecimento sobre a flora, clima e solos, e sua abordagem ornamental, vislumbra dar suporte técnico para o desenvolvimento do projeto paisagístico em diversas escalas.

Com o objetivo de formar profissionais capacitados teórica e tecnicamente para o exercício do projeto de paisagismo, possibilitando-o reconhecer que este é um importante instrumento de atuação e de transformação espacial, social e cultural das cidades, a disciplina de Projeto Paisagístico busca apresentar a importância das práticas paisagísticas na escala urbana e regional, fundamentado em práticas sustentáveis nas cidades.

Entre as habilidades técnicas que podem ser desenvolvidas pelo estudante de arquitetura e urbanismo na disciplina de paisagismo podemos destacar: a compreensão do processo do projeto de paisagístico e a estruturação no espaço livre e sua relação com o espaço construído, aprender métodos de análise, diagnóstico e proposição de espaços livres e despertar uma nova percepção, um olhar “curioso”, para as áreas externas. Essas habilidades possuem relação direta com a visita técnica mencionada nesse estudo, pois ela é uma das metodologias que permite que o estudante alcance esse tipo de aptidão.

As experiências e vivências proporcionadas pelo contato com o espaço projetado já executado, como os Espaços Livres dentro do espaço urbano, proporcionam uma contextualização única para o arquiteto. Sendo imprescindível no processo de formação, pois essa experiência permite entender como o espaço funciona, como ele é na prática, possibilitando a visualização de interferências projetuais não percebidas em sala de aula formal, ou no processo de projetar. Sendo, também, oportuna a interlocução entre a teoria e prática, visto que o processo de projeto para os arquitetos necessita de uma visualização, mesmo que metafórica ou abstrata, do espaço projetado.

Assim, foram formuladas algumas visitas técnicas que auxiliassem no desenvolvimento das atividades práticas, tanto para a melhor produção prática no desenvolvimento dos projetos paisagísticos, como também para aprimorar a retenção de conteúdo teórico da disciplina.

Para tanto, durante a disciplina de Projeto Paisagístico foram planejados e desenvolvidas dois tipos de visitas técnicas: a Visita Coletiva e a Visita Individual. As Visitas Coletivas feitas em Hortos (local de produção e comercialização de vegetação) e em municípios do interior do Estado de Sergipe, que apresentem praças onde possam ser discutidas contextualizações de projetos, sejam históricas, culturais e econômicas, além de aspectos técnicos como acessibilidade, especificação de materiais, entre outros inerentes ao projeto. A Visita Individual, foi uma visita dirigida, chamada de “A PRAÇA DO MEU BAIRRO”, onde era entregue ao estudante diretrizes a cumprir para a realização dela.

As propostas das visitas, buscaram apresentar aos estudantes contextualizações diferentes para o reconhecimento do espaço livre urbano. Assim, os estudantes puderam compreender os espaços através dos seus olhos e conhecimentos, vislumbrando, assim, novas possibilidades de vivenciar o espaço que o cerca.

EXPERIÊNCIAS COLETIVAS

As visitas coletivas são direcionadas para o olhar geral do estudante sobre a relação do indivíduo com o espaço, de forma coletiva com exaltação de características comuns, mas proporcionando ao estudante que treine o olhar individual sobre o espaço. O foco é a prática de análise espacial, estudando os elementos que compõem o espaço visualizado.

A VISITA AO HORTO, teve o intuito de apresentar aos estudantes as possibilidades paisagísticas no que se refere a extrato vegetal. Conhecendo os extratos vegetais nativos e exóticos, as possibilidades de uso, combinações e adaptações. Sendo um dos conteúdos das disciplinas, a especificação da vegetação é uma etapa importante no projeto paisagístico, visto que não só por questões estéticas, a escolha da vegetação tem importância não apenas naquele projeto, mas no impacto que esta

vegetação pode causar no ambiente e no seu entorno. Sendo assim, conhecer as espécies vegetais e suas características é de extrema importância para o estudante de arquitetura e urbanismo.

Por ser um local onde normalmente são produzidas e/ou vendidas espécies vegetais, o Horto escolhido foi o Horto SG, por possuir espécies nos diversos extratos vegetais, e nos diversos portes, possibilitando a visualização da vegetação desde a muda (planta em processo de desenvolvimento) até o porte adulto, permitindo entender as diversas fases da vegetação, o que estimula a curiosidade dos alunos no processo de especificação da vegetação para o projeto paisagístico.

Com grande riqueza e diversidade botânica, outro aspecto importante do local é a disponibilidade de paisagistas, jardineiros e técnicos que possibilitam melhorar o aproveitamento das visitas. Esses profissionais não são guias ou monitores, mas estão sempre dispostos a tirar dúvidas sobre as espécies, características, usos, tipos de solos, etc.

Foram vistas várias espécies vegetais: Tipo de Palmeiras, arbustos, herbáceas, trepadeiras e árvores. Espécies tropicais e outras que combinam melhor com outros estilos de jardim como as coníferas. Foram expostas as questões sobre porte de muda para plantio, DAP (diâmetro do tronco à altura do peito), e porte da planta adulta. A importância de se conhecer o porte final da vegetação para evitar danos futuros ao jardim ou espaço urbano. Tipos indicados para espaços urbanos ou jardins residenciais, como a exclusão de plantas tóxicas em locais com crianças. Assim como a adaptação da planta no espaço adequado devido ao porte e a sua forma de crescimento. Também falamos sobre especificação da vegetação seguindo a insolação: sol pleno, meia sombra e sombra. Variedades de espécies como bromélias, dracenas, helicôneas e as palmeiras, entre outras. O uso de plantas com floração perene e anuais, quais as possibilidades e intenções de projeto. À medida que percorríamos o Horto, verificamos as plantas, seus usos e curiosidades, nomes populares, nomes científicos, variação de cores nas flores e/ou formas das folhas, observando também muitas composições já expostas no local. Além do uso de estufas para a criação de espaços adequados para o desenvolvimento de determinadas espécies.

O trajeto foi pensando com paradas estratégicas, onde determinados temas foram abordados, como o porte de determinada vegetação, a visualização da paisagem através de arranjos vegetais. Cada espaço determinado foi caracterizado pelo tema da aula. Assim, no decorrer da visita, foram feitas algumas observações sobre as plantas, características das espécies, cores e aromas, convidando o estudante para interagir com o ambiente.

A prática teve o intuito de possibilitar ao aluno o contato direto com a vegetação, verificar as variações e tipos de folhas, cores e flores, os portes diferentes para uma mesma espécie. Como elas se desenvolvem quando livre no terreno e quando presa em vaso. Mas, principalmente, perceber que apesar da riqueza de nossa flora nacional, muito do que é praticado no mercado faz parte de uma flora exótica, pois já está adaptada ao nosso clima.

No final da visita foi solicitado um relatório sobre a visita e as espécies que mais chamaram atenção do estudante. Era necessário explicar o motivo e as características das espécies escolhidas. A visita também serviu de base de pesquisa para a escolha das espécies para o desenvolvimento do projeto de paisagismo residencial que os estudantes estavam em processo de criação nas aulas em sala de aula.

A visita ao horto foi bem recebida pelos alunos, fato que podemos comprovar a partir das falas que se seguem:

Eu acredito que a visita técnica vai além de apresentar a realidade de modo sucinto de determinado tema ao aluno, é demonstração de um mundo novo, porque foi isso que sentir. (Estudante PL)

A visita foi de extrema importância para o meu crescimento como estudante e

desenvolvimento profissional. Pude conhecer espécies jamais vista pessoalmente, pude sentir, tocar, ouvir seus sons, entender onde pode ser plantado, se pode ser adaptado à sombra ou sol pleno. Conhecimento este que somente em sala de aula não pode ser adquirido. (Estudante DF)

A VISITA ÀS CIDADES foram realizadas em municípios do interior do Estado, em conjunto com outras disciplinas, a exemplo de História da Arquitetura, a fim de proporcionar um estudo multidisciplinar durante a visita.

Essa abordagem visou proporcionar aos alunos a percepção da integração entre as disciplinas, mas principalmente demonstrar a interdisciplinaridade da arquitetura e do urbanismo, que é construída através da percepção do todo no espaço urbano.

A Visita aconteceu em três municípios, Riachuelo, Divina Pastora e Santo Amaro. O intuito foi apresentar aos alunos a visualização da Paisagem como parte do patrimônio histórico e as possibilidades de intervenções paisagísticas no que se refere a extrato vegetal disponível na cidade e sua relação com o patrimônio histórico de cada cidade visitada. Além disto, foram propostas discussões que enfatizaram a importância do projeto paisagístico não só para a inserção da vegetação no espaço urbano, mas principalmente, para compreender a relação do construído e do espaço livre e sua relação com o indivíduo, os equipamentos que constituem aquele espaço e sua configuração. A seguir, traremos as atividades desenvolvidas em cada uma das paradas.

Na primeira parada, em Riachuelo, iniciamos com a apresentação da Capela da Penha, igreja icônica na paisagem de Riachuelo, hoje totalmente deteriorada pelo tempo e pelo saque das suas partes. A observação deixou evidente como as demais edificações que estão sendo construídas no entorno acabam interferindo na visualização do patrimônio, além dos equipamentos urbanos, como postes de alta tensão. Foi discutido com os alunos as possibilidades técnicas para intervir com menor impacto no espaço livre do entorno da capela, e como diminuir a agressão ao patrimônio histórico. Foi constatado, também, como a vegetação do entorno se apropria do que está abandonado, criando um lugar bucólico na paisagem.

Na segunda parada, em Divina Pastora, tivemos a participação da arquiteta que estava responsável pelo projeto de Restauração da Igreja Divina Pastora. Ela nos apresentou a Igreja e o projeto que estavam desenvolvendo de restauração da igreja e do seu entorno, como as praças que cercam a igreja. Relacionado diretamente ao projeto paisagístico, foram apresentadas e discutidas as propostas de restauração da praça em frente à igreja, com a proposta de retirada dos Fícus, árvore bastante agressiva para área urbana. Foi-nos relatada, também, a resistência da população sobre a retirada da vegetação. Houve questionamentos dos alunos sobre a retirada das árvores e, nesta discussão, esclarecemos que o projeto paisagístico trata de espaços livres e não, especificamente, de vegetação. Entretanto, em considerando os problemas que algumas árvores podem causar à paisagem e ao ambiente, principalmente por não serem nativas da região, explicamos que estas são decisões que precisam ser tomadas junto ao poder público e à comunidade. Além desta discussão, outra foi aventada, relacionada à construção de uma nova praça lateral que, segundo o que colhemos de informação, está em desacordo com a proposta de restauração, colocando em risco o patrimônio histórico local.

A terceira parada, em Santo Amaro das Brotas, tratamos da relação da cidade com a paisagem natural no seu entorno, analisando a valorização da relação entre o construído e o natural. Outro assunto tratado foi a praça em frente à igreja, com muitas interferências e composições paisagísticas que misturam estilos e épocas diferentes caracterizando um projeto confuso e pouco agradável. Foram discutidas as intenções de projeto e, também, questões referentes ao trato com os espaços públicos. Os estilos de jardins também foram discutidos e lembrados pelos alunos, o que possibilitou a vivência, na prática, de elementos discutidos nas aulas teóricas de história do paisagismo.

A prática, no geral, teve o intuito de possibilitar ao estudante o contato direto com espaços livres urbanos que possuem relação com o Patrimônio Histórico de Sergipe, e verificar as variações de tipos de espaços livres em cada cidade visitada, sua relação com o construído e a forma de intervenção na paisagem urbana.

Os resultados foram bastante positivos. Os estudantes trouxeram-nos relatos que nos estimularam muito a continuarmos com estas práticas em disciplinas futuras. Sobre a visita, observem o que nos disseram:

Ao fazer visita técnica nas praças pude adquirir um conhecimento enriquecedor de espaço público e de seu melhor aproveitamento. Pude perceber como a praça arborizada traz qualidade de vida a comunidade e a importância de um projeto personalizado para cada bairro buscando atender as necessidades da população na região. (Estudante DF)

Pudemos verificar a relação do bairro com o existente e assim tomar as decisões necessárias para o projeto final. A observação e investigação do entorno e a relação com a vizinhança, foi sem dúvidas o primeiro processo para a tomada de decisões que nos levou ao conceito do projeto. (Estudante IF)

Através da visita técnica pude ter uma visão de maior amplitude quanto ao espaço, como nunca havia feito um projeto paisagístico e nem num espaço tão grande, pude ter essa percepção. Pude ver também a questão de vegetação pré-existente os arredores do espaço, pude ver os estabelecimentos, as moradias, me ajudou na inspiração da criação do projeto. (Estudante DM)

Nas visitas realizadas pela professora, tivemos o contato na prática dos conteúdos aprendidos em sala de aula. Assim, foi posto durante cada visita exercitar as habilidades de análise, observação e crítica que aguçasse o olhar relacionando os conhecimentos teóricos e práticos com a ação profissional. (Estudante IF)

A prática projetual realizada a partir de experiências em campo, em ambientes de aprendizagens variados, demonstram que as possibilidades de projetos se tornam infinitas, pois cada estudante percebeu o espaço de forma diferente. A cidade é um laboratório. Utilizá-la como ferramenta de aprendizagem é considerar a importância de suas características específicas na estruturação da paisagem e no potencial morfológico do espaço urbano.

EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS

O outro tipo de visita técnica que foi desenvolvida para a disciplina de Projeto Paisagístico, foi a visita individual guiada. Neste tipo de visita os estudantes foram orientados através de diretrizes a serem seguidas no percurso que fariam, individualmente, em seu bairro de residência, de modo a identificar as características do espaço livre. O objetivo da visita foi possibilitar ao estudante treinar o seu olhar sobre o espaço em que vive, sensibilizando-o sobre as diferenças entre o olhar do usuário e o olhar do arquiteto. Importante destacar que o profissional arquiteto e urbanista deve perceber os dois pontos de vistas para que consiga desenvolver bem o projeto arquitetônico.

Esta visita visou proporcionar a vivência de informações expostas em sala. As experiências foram as mais diversas, o que contribuiu para o enriquecimento das discussões que ocorreram posteriormente em sala de aula. Tivemos olhares diferentes e análises diferentes, mesmo quando, aparentemente, estávamos tratando de espaços considerados, arquitetonicamente, iguais.

Esta atividade individual guiada foi dividida em três etapas: elaboração de mapa mental, visita e partilha da experiência.

Na primeira etapa, em sala de aula, solicitamos aos estudantes que produzissem um mapa mental da praça mais próxima a sua residência, ou mesmo alguma praça que costumasse frequentar, mesmo que fora do seu bairro de residência. A sugestão foi a de mapear o percurso entre a residência e a praça, destacando pontos de referências, ruas, e elementos urbanos. Também foi solicitado que fizessem um desenho da praça, sua morfologia, programa de necessidades, equipamentos urbanos, vegetação e outros elementos que considerassem importantes.

Na segunda etapa, realizaram visitas às praças. Individualmente, cada estudante escolheu seu horário e foi realizar a visita. A orientação nesta etapa foi que cada um refizesse o desenho da praça, agora, comparando com o real, apontando os elementos que já haviam sido identificados e os novos elementos não identificados anteriormente. A partir do novo desenho, propusemos que realizassem uma nova leitura/desenho da praça, sua verdadeira morfologia, programa, equipamentos urbanos, vegetação, baseado no que realmente existia no local. Fazendo anotações dos principais pontos que o estudante percebeu de diferença entre o espaço que ele havia imaginado e o espaço que realmente existia.

A terceira etapa desta atividade consistiu em uma apresentação em sala de aula, onde os alunos apontavam as principais diferenças notadas nos dois desenhos realizados por eles; entre o inicial feito apenas de lembranças de usuário e o desenho realizado pelo estudante enquanto avaliador técnico do espaço urbano.

Durante as apresentações foi notório o reconhecimento por parte dos estudantes das diferenças dos desenhos. Foram relatadas diferenças no percurso, na vegetação, no formato das praças, nas características dos projetos, na localização de equipamentos e até na existência de elementos construídos não percebidos anteriormente. Mas entre as principais diferenças relatadas pelos alunos, está a questão da acessibilidade, visto que é um elemento que eles não percebiam no dia a dia, por não utilizarem, mas que enquanto estudantes da área começaram a verificar esse ponto importante para que o espaço seja democrático.

Assim os espaços livres urbanos como espaços não formais de ensino, são essenciais para aprendizagem no curso de Arquitetura e Urbanismo, pois as além de atividades práticas desenvolvidas habitualmente por um arquiteto, foi solicitado ao aluno que analise o espaço não apenas como arquiteto, mas como usuário, perceber os espaços pelos dois pontos de vista facilita o entendimento do projeto e uso do espaço livre urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades desenvolvidas em espaços não formais, quando planejadas corretamente e direcionadas para a geração de conhecimento, seja técnico ou teórico, apresentam infinitas possibilidades de geração de conhecimento. Acreditamos que atendem às expectativas do desenvolvimento do estudante de Arquitetura e Urbanismo no decorrer do curso, não apenas como estudante, mas também como cidadão. Esta prática abrange o desenvolvimento de conhecimento também para os professores, visto que cada visita necessita de planejamento para que seja desenvolvida de forma satisfatória. Compreendemos também que é perfeitamente possível e agregador que a visita seja

multidisciplinar, abrangendo conteúdos de diferentes disciplinas, com o mesmo foco ou objeto de estudo, dinamizando uma única visita, acrescentando diversos aspectos sobre o olhar do estudante, ampliando sua análise técnica sobre o mesmo objeto. Oferece, também, uma perspectiva histórica, paisagística e arquitetônica sobre um conjunto urbano, já que nas visitas a apresentação dos temas ocorre de forma naturalmente correlacionada.

Esta análise sugere que a visita técnica em espaços livres urbanos para o ensino de Arquitetura e Urbanismo é uma prática metodológica importante para o desenvolvimento técnico e teórico do futuro profissional. Os relatos demonstraram como as visitas influenciaram diretamente na caracterização do espaço construído pelo estudante e, conseqüentemente, no desenvolvimento dos projetos.

Os resultados obtidos apontam na direção de que importantes ganhos de conhecimento técnico relacionados a área de Arquitetura e Urbanismo foram adquiridos, através da visita técnica nos espaços livres urbanos. O que justifica o uso das visitas que visem objetivos de ensino.

Referências

- AB'SABER, Aziz N. *Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Editora, 2008
- CONAMA. Resolução nº 369, de 28 de março de 2006. Dispõe sobre os casos excepcionais, de utilidade p interesse social ou baixo impacto ambiental, que possibilitam a intervenção ou supressão de vegetação em Á Preservação Permanente-APP. Publicada no DOU no 61, de 29 de março de 2006, Seção 1, páginas 150 – 151.
- BARTALINI, Vladimir. *Os Parques Públicos Municipais em São Paulo: paisagem e Ambiente*. São FAUUSP, 1996
- BRANDÃO, C. R. O que é educação. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BARROS, V. C.; SANTOS, I. M. Além dos muros da escola: a educação não formal como espaço de atua prática do pedagogo. [S.l.: s.n.], 2010
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara De Educação Superior. Dir Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo. Resolução CNE/CES 2/2010. Oficial da União, Brasília, 18 de Junho de 2010, Seção 1, P. 37-38.
- DOMSCHKE, Vera Lúcia. O ensino da arquitetura e a construção da modernidade. São Paulo, 2007. T Doutorado – Área de Concentração: Projeto de Arquitetura – FAUUSP. Disponível https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-31052010-140422/publico/O_Ensino_da_Arquitetura_e_a_Construcao_da_Modernidade_Vera.pdf. Acesso em 20 de Julho de 2020.
- MACEDO, SILVIO SOARES. QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL. SÃO PAULO, 1999 QUAPÁ.?
- MARTINEZ, Aldilson, LEME, Ricardo Carvalho. O trabalho de Campo como metodologia de Ensino de Ge – o estudo de caso da Vila Malvima – Guaíra/ PR, Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_adilson_martin Acesso em 24 de Julho de 2020.
- ROBBA, Fabio e MACEDO, Sílvio Soares. Praças Brasileiras. 3.Ed. – São Paulo: Editora Da Universidade I Paulo, 2003;?
- SERPA, A. O Trabalho de Campo em Geografia: Uma Abordagem Teórico Metodológica. IN: Boletim Paul Geografia. São Paulo: AGB, n. 84, p. 7 – 24, 2006. Disponível em: < www.agbsaopaulo.org.br/ >. Acesso em Abril de 2020
- SEIFERT-SANTOS, Saulo Cezar. Fundamentos para metodologia de uso dos espaços não formais no ens ciências. Dezembro, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/304381812> . Acesso em Julho de 2020
- VIEIRA, Valéria Vieira; BIANCONI, M. Lucia e DIAS, Monique. Espaços Não-Formais de Ensino e o Curríc Ciências. Cienc. Cult. vol.57 no.4 São Paulo Oct./Dec. 2005. Disponível http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000400014. Acesso em 20 de de 2020.
- UNESCO. Educação: um Tesouro a Descobrir, Segunda Parte – Princípios. Rio Tinto, Edições Asa, 1996.

* Mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente PRODEMA/UFS, Arquiteta e Urbanista. Especialista em Arquitetura da Paisagem, MBA em Gestão de Projetos. E-mail:lainy.lemos@hotmail.com

** Doutora em Geografia, professora do DGE/UFS, professora dos Programas de Pós-Graduação ProdeMA e PPGEU/UFS, pesquisadora do GEOPLAN/UFS. E-mail: giceli.amendes.ufs@gmail.com